Casos & .Causos

Por Nestor Leme

Sapatos Ziquerli – uma história quase que centenária

Zico Sapateiro e seus filhos recebem a bênção do Padre Edgar durante a celebração de seu 103º aniversário | Arquivo de Nestor Leme

Após terminada a Revolução Constitucionalista de 1932, Fortunato Franco de Godoy, morador de Monte Alegre do Sul, resolveu se mudar para Serra Negra, onde achava que teria mais serviço em sua profissão. Chegou por volta de 1933, estabelecendo-se numa casa da antiga Rua da Várzea, onde, no cômodo da frente do imóvel, montou uma selaria. Não demorou a descobrir que tinha acertado na abertura do estabelecimento, pois, de imediato, aquele artista em artigos em couro para montarias e arreamentos para carroças puxadas por burros começou a receber muitos pedidos dos artigos que produzia.

A família de Fortunato era composta pela esposa, Dona Rosa, e pelos filhos Alice, José (Zico) e Wilson. Os dois filhos, assim que alcançaram tamanho para trabalhar, começaram a ajudar o pai no serviço da selaria. O tempo passou, e Zico, que havia aprendido a profissão de sapateiro, abriu uma sapataria numa das portas, enquanto Wilson abriu outra na porta ao lado, e o pai continuou fazendo selas nos fundos do estabelecimento.

Um dia, Wilson se casou e se mudou para Itapira, e Zico, que fabricava sapatos, com o aumento do serviço, contratou funcionários para ajudá-lo. Sapateiros famosos como Hugo Fazani, Libero Qualio, Duilio Vicentini e Pedro Saverio fizeram parte da história da Sapataria Godoy.

Na mocidade, Zico se casou com Dona Olivia Vicentini, com quem formou sua família, composta pelo casal e pelos filhos Ari e Edson. Esses filhos, depois que cresceram, não quiseram saber de confeccionar sapatos nem de consertos como o pai. Ari formou-se contador, e Edson mudou a oficina de fabricação e consertos de sapatos para os fundos e, na frente, montou uma loja para venda de artigos esportivos e calçados, a qual, hoje, passados noventa e três anos desde a fundação da selaria de Fortunato, continua firme e forte no mesmo ramo e no mesmo ponto.

Bem, terminado este histórico da tradicional Sapataria Godoy, vamos ao causo desta edição do nosso jornal, que, é claro, tem ligação com a famosa sapataria. E, para começar, volto a um tempo em que o freguês, quando precisava de sapatos, tinha de ir a uma sapataria tirar as medidas dos pés, porque os sapatos de antigamente eram feitos exatamente no tamanho dos pés do freguês.

Lembro-me que, quando era criança, existiam duas lojas vendendo calçados em nossa cidade: uma do Bruno Dalari, na Rua Prudente de Morais, e outra do Chico Amabile, ao lado do Café do Barulho. Um dia, Bruno, de mudança de Serra Negra, fechou seu comércio, mas logo surgiu uma loja maior, a Cliper Calçados, na Rua Coronel, esta de propriedade de José Zechim. O problema era que os calçados vendidos nessas lojas custavam caro, fora do orçamento dos mais pobres. Assim, quando precisavam de sapatos, procuravam as sapatarias, onde custavam mais baratos.

Certa ocasião, Zico Sapateiro comprou de um viajante um grande lote de cortes de sapatos masculinos, bem mais em conta dos até então conhecidos, e, assim que estes foram colocados à venda, choveram encomendas daqueles sapatos. Naquele tempo existiam duas marcas famosas de sapatos, a Samelo e a Makerli. Então, a turma logo apelidou os sapatos fabricados por Zico de Zikerli, em alusão à marca famosa.

Zico vendeu tantos Zikerlis que, numa noite de domingo, estavam reunidos na Praça João Zelante Dito Gola, João Camargo e Laercio Pedroso, todos usando os sapatos lançados por Zico. E, para completar o grupo, chegou José Piassa e, de imediato, Dito Gola olhou para os sapatos dele e perguntou: "O seu sapato também é um Zikerli igual ao nosso?"

"Não", respondeu o Zé, "o meu é diferente, é um Jukerli, foi feito na sapataria do Juca..."

Crônicas do .Dia a Dia

Por Gulda Gerosa

Porque eu gosto de viajar

Tem gente que viaja para mostrar para os outros, e nem consegue aproveitar pensando na foto que vai fazer para impressionar as amigas ou os vizinhos. Mas também tem gente que viaja para aproveitar e ser feliz. Aqueles que viajam para impressionar os outros, gastam e não curtem. Para mim, o importante é, quando viajar, estar aberto para aquilo que o mundo oferece: para os solitários, encontrar um amor; para os casados, um momento de renovação; e para quem não está nem aí para se é casado ou solteiro, conhecer muito, falar com gente estranha, ouvir sotaques ou línguas diferentes, ouvir o som do mar, encher o olhar de paisagens, apanhar e aprender com os perrengues e rir muito com as alegrias que encontramos por aí afora.

Quando viajo eu percebo que podemos viver com tão pouco, e sempre estamos acumulando e acumulando. Em certa viagem, passei 2 meses fora de casa com uma malinha pequena, a tal malinha de bordo, e me organizava para lavar roupa. Me hospedava sempre em algum AirBnb que tinha lavadora, e deu certo. Senti falta dos meus materiais de pintura, da família e amigos, lógico.

Viajar com bons amigos é gratificante. Viajar não é escapar, mas, sim, conhecer, aprender e vencer medos. Quando estamos sozinhos num mundo diferente, falando outra língua, onde não temos um teto e nem a mãe para ligar pedindo socorro, é onde mais aprendemos e vencemos os medos. As vezes, viajar é deixar os problemas para trás, fugir um pouco do estresse que eles causam e renovar as energias para poder enfrentá-los. Eu gosto de viajar, levo comigo saudade de quem fica e me encho de alegria de encontrar velhos e distantes amigos, além de fazer novos.

A rotina do dia a dia em nossa vida cansa! Vivemos tristezas, solidões, problemas, doenças, dores. Quando viajamos, parece que tudo ficou para trás. Ao viajar, o mundo fica maior do que essa rotina que nos prende, e cada lugar novo, abre uma janela dentro de nós que nem sequer sabíamos que existia. Essas novas janelas nos fazem sentir vivos.

Os lugares, ricos ou pobres, são excepcionais. Os lugares mais pobres, em geral, oferecem paisagens e situações que ficarão por toda nossa vida. Ruas de terra, casinhas, pessoas trabalhando e as praias paradisíacas ou as montanhas encantadoras. Nos destinos ricos, vemos a arquitetura moderna, as decorações, os shoppings. Tudo nos enche de vida. As vezes também "dá caca": há quem perca o avião e sofra "overbooking", perca documentos, seja roubado, deixe passar o trem ou o ônibus e, nessas horas, aprendemos mais ainda. Aprendemos a nos safar, crescemos e descobrimos que somos fortes. Eu já fiz muitas coisas para a vida não passar vazia por mim. Hoje eu viajo, não para fugir da vida, mas para a vida não fugir de mim.

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Entre tsurus, sereias e o Riso de Monalisa: A (des)ordem criativa de um ponto de cultura

***Asas dos Desejos** | Pintura em acrílico de Henrique Vieira Filho*

Dizem que o cérebro de autistas superdotados opera em frequências de rádio que a maioria ainda não sintonizou. Fazemos conexões inusitadas, pontes invisíveis entre temas que, ao olhar comum, parecem habitar galáxias distantes. Neste exato momento, por exemplo, meus pensamentos não caminham; eles voam montados em aves de papel e nadam entre divindades marinhas, tudo isso enquanto dão gargalhadas.

Vou tentar explicar - ou, ao menos, oferecer um mapa desse meu caos geográfico-mental.

A nossa ReArte (que, como vocês sabem, é Museu, Ponto de Cultura, Biblioteca, Residência Artística e uma infinidade de "etcéteras" culturais) está prestes a sediar um intercâmbio técnico fascinante. Trata-se da Residência Maid Cafe, um laboratório de performance a portas fechadas onde o Clube de Cultura Pop de Serra Negra e artistas da capital ensaiam a união improvável entre o rigor do teatro vitoriano e a estética vibrante dos animes japoneses. Para quem não está habituado ao termo, o Maid Cafe é uma expressão cultural nipônica onde a hospitalidade é elevada ao nível de encenação teatral.

Inspirado por esse sopro oriental, decidi tirar das reservas do Museu as minhas pinturas que já peregrinaram pelo Japão e pela colônia imigrante em São Paulo. São telas povoadas por mil tsurus - aquela garça em origami (dobraduras de papel) que, diz a lenda, concede desejos a quem dobrar mil unidades. Mas, como ainda ecoam as celebrações do Dia Mundial da Água, a correnteza me levou além: ao lado da Sereia Japonesa, alinhei suas "primas" mitológicas gregas, africanas, irlandesas e a nossa exuberante Iara indígena.

Como abril é o mês dos festivais de Sakura (a cerejeira em flor), a ReArte florescerá em tintas rosadas. Mas - e aqui a curva do pensamento se acentua - abril também é o mês em que nosso convênio com Ponto MIS (Museu da Imagem e do Som de SP) nos convoca para o reino da comédia. Toda quarta-feira teremos clássicos do cinema mundial para celebrar o Dia Nacional do Humor. O resultado? Minha pintura da Monalisa ganhou versões astecas, egípcias e afro, todas ostentando sorrisos enigmáticos para harmonizar com a oficina "Muito Além da Risada", que realizaremos dia 19 com o brilhante professor e crítico de cinema, Cássio Starling.

Para amarrar esse pacote de "assuntos aleatórios", como costumo brincar, temos o Slow Art Day (Dia de Apreciar Arte Sem Pressa) em 11 de abril. Sou o representante brasileiro desse movimento global que convida o público a fazer o oposto do mundo digital: parar, respirar e olhar uma obra por alguns minutos e trocar ideias com os artistas. Farei o papel de um "Nestor Leme" nas artes, contando os "causos" de bastidores dessas criações enquanto o público degusta cada pincelada.

No fim das contas, me vejo assim: planando sobre flores de cerejeira montado em um tsuru gigante, enquanto cavalgo sereias e dou risada com as comédias clássicas do cinema. Como batizar esse turbilhão de forma compreensível, técnica e poética? Minha aposta atual é: "Flores, Asas e Sorrisos: O Voo dos Tsurus, a Magia das Sereias e as Risadas da Sétima Arte". Ufa! Caros leitores, este é um vislumbre da (des) funcionalidade da mente de um "Au/Ar-tista". E olhem que, na crônica passada, eu prometi que ia descansar a cabeça no domingo de aniversário da sede... Pois é, promessa de artista é como dobra de origami: a gente sempre acaba inventando uma nova forma logo em seguida!

104.5 fm
SERRA NEGRA
Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!
Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra
www.radioserranegra.com.br

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
serralheriamenegatti@gmail.com
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Por Henrique Vieira Filho

Entre tsurus, sereias e o Riso de Monalisa: A (des)ordem criativa de um ponto de cultura

Asas dos Desejos | *Pintura em acrílico de Henrique Vieira Filho*

Dizem que o cérebro de autistas superdotados opera em frequências de rádio que a maioria ainda não sintonizou. Fazemos conexões inusitadas, pontes invisíveis entre temas que, ao olhar comum, parecem habitar galáxias distantes. Neste exato momento, por exemplo, meus pensamentos não caminham; eles voam montados em aves de papel e nadam entre divindades marinhas, tudo isso enquanto dão gargalhadas.

Vou tentar explicar - ou, ao menos, oferecer um mapa desse meu caos geográfico-mental.

A nossa ReArte (que, como vocês sabem, é Museu, Ponto de Cultura, Biblioteca, Residência Artística e uma infinidade de "etcéteras" culturais) está prestes a sediar um intercâmbio técnico fascinante. Trata-se da Residência Maid Cafe, um laboratório de performance a portas fechadas onde o Clube de Cultura Pop de Serra Negra e artistas da capital ensaiam a união improvável entre o rigor do teatro vitoriano e a estética vibrante dos animes japoneses. Para quem não está habituado ao termo, o Maid Cafe é uma expressão cultural nipônica onde a hospitalidade é elevada ao nível de encenação teatral.

Inspirado por esse sopro oriental, decidi tirar das reservas do Museu as minhas pinturas que já peregrinaram pelo Japão e pela colônia imigrante em São Paulo. São telas povoadas por mil tsurus - aquela garça em origami (dobraduras de papel) que, diz a lenda, concede desejos a quem dobrar mil unidades. Mas, como ainda ecoam as celebrações do Dia Mundial da Água, a correnteza me levou além: ao lado da Sereia Japonesa, alinhei suas "primas" mitológicas gregas, africanas, irlandesas e a nossa exuberante Iara indígena.

Como abril é o mês dos festivais de Sakura (a cerejeira em flor), a ReArte florescerá em tintas rosadas. Mas - e aqui a curva do pensamento se acentua - abril também é o mês em que nosso convênio como Ponto MIS (Museu da Imagem e do Som de SP) nos convoca para o reino da comédia. Toda quarta-feira teremos clássicos do cinema mundial para celebrar o Dia Nacional do Humor. O resultado? Minha pintura da Monalisa ganhou versões astecas, egípcias e afro, todas ostentando sorrisos enigmáticos para harmonizar com a oficina "Muito Além da Risada", que realizaremos dia 19 com o brilhante professor e crítico de cinema, Cássio Starling.

Para amarrar esse pacote de "assuntos aleatórios", como costumo brincar, temos o Slow Art Day (Dia de Apreciar Arte Sem Pressa) em 11 de abril. Sou o representante brasileiro desse movimento global que convida o público a fazer o oposto do mundo digital: parar, respirar e olhar uma obra por alguns minutos e trocar ideias com os artistas. Farei o papel de um "Nestor Leme" nas artes, contando os "causos" de bastidores dessas criações enquanto o público degusta cada pincelada.

No fim das contas, me vejo assim: planando sobre flores de cerejeira montado em um tsuru gigante, enquanto cavalgo sereias e dou risada com as comédias clássicas do cinema. Como batizar esse turbilhão de forma compreensível, técnica e poética? Minha aposta atual é: "Flores, Asas e Sorrisos: O Voo dos Tsurus, a Magia das Sereias e as Risadas da Sétima Arte". Ufa! Caros leitores, este é um vislumbre da (des) funcionalidade da mente de um "Au/Ar-tista". E olhem que, na crônica passada, eu prometi que ia descansar a cabeça no domingo de aniversário da sede... Pois é, promessa de artista é como dobra de origami: a gente sempre acaba inventando uma nova forma logo em seguida!